

TABULEIRO DE LETRAS

Entre a ordem e o caos, *A farofa das Ides*, de Embla Rhodes

Between order and chaos, *A farofa das Ides*, by Embla Rhodes

José Luiz Foureaux de Souza Júnior¹

Maria das Dôres Lara²

RESUMO:

O artigo faz uma apresentação do romance *A farofa das Ides*, de Embla Rhodes, destacando suas qualidades estruturais e enfatizando a sua proposta de renovação de cânones narrativos, sem expressa preocupação “teórica”. A opção pelo caráter “simples” da apresentação se justifica pela marca estilística do autor que, num exercício de ficcionalização de dados concretos, constrói narrativa instigante de leve saber policial, o que identifica a personalidade do texto do autor. A apresentação aponta para a prática da tentativa de renovação do gênero, operacionalizado por dicção narrativa particular. O romance revela extrema preocupação com a ficcionalização dos referidos dados, numa perspectiva crítica e irônica do processo mesmo de narrar.

Palavras-chave: Narrativa; Romance; Personagem; Realidade; Ironia

ABSTRACT:

The paper is a presentation of Embla Rhode’s novel *A farofa das Ides*, highlighting their structural qualities and emphasizing its renewal canons narrative’s proposed without expressed “theoretical” concerns. The choice of “simple” character’s presentation is justified by the author’s stylistic trademark which is an exercise of fictionalizing hard data builds compelling narrative lightly knowing police, which identifies the personality of the author’s text. The presentation points to the practice of trying to renew the genre’s diction, operationalized by a particular narrative. The novel reveals extreme concern about the fictionalization of these data, a critical and ironic view of the very process of narrating.

Keywords: Narrative; Romance; Character; Reality; Irony

¹ PhD em Literatura. Professor de Literatura Luso-Brasileira e Comparada da UFOP. E-mail para contato: foureaux@hotmail.com

² Mestranda em Literatura na PUC Minas/CESJF. Pós-graduação na UNAERP de Ribeirão Preto, na UFJF – Juiz de Fora-MG – e Fundação Rosemar Pimentel Barra do Piraí, RJ. E-mail para contato: foureaux@hotmail.com.



Enquanto houver histórias de amor, o homem pode evitar o encontro trágico com a loucura. A única condição é permanecer vital. (...) A maior descoberta do homem será o dia em que souber que uma metade de si é comunhão e a outra é compaixão.

Embla Rhodes, in: *A farofa das Ides*.

As estratégias discursivas utilizadas por Embla Rhodes, no romance *A farofa das Ides* (2012), têm o enfoque memorialístico de Marides – personagem narradora – em sua convivência social e familiar, origem de seus distúrbios psicológicos. Nesse romance, Rhodes narra uma história de família juiz-forana, de classe média, cujos membros convivem supostamente em um “lar doce lar”, num surto de onisciência e onipresença. O autor relata, nessas histórias, os amores, desamores e os conflitos dessa família, cujos integrantes têm a necessidade de se afirmarem como seres humanos.

Embla Rhodes é um escritor mineiro, romancista, contista e novelista. É também autor de *Fugas e luxúria* e *Æther, Viagem ao sol*. Quanto aos romances inéditos, é possível citar *Feliz Natal* e *A arte de viver em família*, além de *Notável hiperburguês* e *Nada do que há de você*. Neste estudo, todavia, o objeto de reflexão recai sobre o romance *A farofa das Ides*. Com enfoque no fictício, no imaginário e com o olhar voltado para o trágico, em que “viver é perigoso” – como dizia o escritor e médico João Guimarães Rosa –, Rhodes descortina-se por meio de realidades vivenciadas num espaço urbano. De forma provocante, comovente e fascinante, traz mais uma obra que perpassa e ultrapassa os valores distantes dos paradigmas sociais que abalam (pré)conceitos, apresentando várias possibilidades para um mesmo objeto. Por meio de um olhar psicanalítico, a mixagem entre realidade e ficção possibilita ao leitor entender a essência de *A farofa das Ides*, quando diz:

A farofa é só uma metáfora de conflitos. (...) a farofa está relacionada a tudo o que é a arte de roubar sonhos, felicidades e realizações. Durante a sua preparação, pode-se incluir uma variedade enorme de ingredientes, como acontece nos conflitos (Idem, 2012, p. 158).

Dentro de um cenário urbano da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, surge o romance como espaço de corrosão do “eu” da personagem narradora, Marides, que gera a doença da melancolia, ao se deparar com uma série de interferências e conflitos. Juiz de Fora, portanto, passa a ser o espaço do conflito. Com um texto heterodiegético e em fluxo de consciência livre, os abalos emocionais e o olhar no espelho fazem da vida da protagonista

Marides um eterno questionamento enquanto ser humano, em relação as suas mágoas acumuladas e ao seu eu incompleto. Mas com corpo e vida em pedaços e com fragilidade aparente, ela tem forte personalidade. O id oculto mascara o seu produto.

É por meio desse jogo de palavras que Embla Rhodes valoriza a escrita, ao afirmar que “receita é também literatura” (2012, p.159), na qual o alimento de determinada cultura pode ser repudiado por outra ao avizinhar-se daquela. Uma simples digestão pode temporariamente conviver com uma sensação de total repúdio, sendo uma ou outra cultura a responsável pelo mesmo fato. Para o autor, “nosso comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à identidade social e isso pode se estender à literatura” (2012, p. 241).

O enredo se passa com uma família, no interior de sua residência, e desta para as ruas. Familiares reunidos em casa, nos famosos almoços ou jantares, contam histórias diversas simbolizando uma “farofa”, no sentido de conflito, cujos ingredientes são trágicos, impregnados de traumas psicológicos. O adultério da mãe, Maria, é o pano de fundo que direta ou indiretamente os envolve, refletindo na autoafirmação dos filhos por meio da prostituição, do incesto, da homossexualidade, de múltiplos abortos, do homicídio e suicídio. Esses amores e desamores, ordem e caos, são misturados a relações delirantes em que parecem representar uma parte da sociedade dita “à margem” – nessa família, os valores invertidos já estão pervertidos. O livro foi escrito tanto em tempo cronológico – representado pela casa e pelas ruas – quanto em tempo psicológico – como se fossem fatos reais –, tudo manifestado pelas intrigas, pelas discussões e pela busca de alternativas de vida às avessas. Estas funcionam como válvulas de escape entre o desejo oculto da ordem e o caos a que se submetem as personagens.

Embla Rhodes parece retratar em *A farofa das Ides* pessoas ligadas ao seu cotidiano, o que pode ser percebido por meio de palavras e cenários, promovendo uma espécie de captação dos fatos reais, com pessoas reais, modificando alguns nomes e adaptando-os, para que o romance ganhe corpo. Este, caracterizado pela estética de uma sociedade urbana, com toda a sua complexidade, individual e coletiva, várias classes sociais, culturais e políticas, em uma riqueza de nuances artísticas bem articuladas, reflete um cotidiano não tão distante do leitor. Nesse romance, quase “policial urbano”, a personagem narradora foi uma prostituta e lança mão de suas falas, suas ações e sua influência, em um espaço geograficamente definido, para desvendar crimes que as próprias autoridades não conseguiram e, ao trazê-los à luz da verdade, retrata uma miséria moral por distorção de caráter, associada à cobiça e à luxúria.

Classificar um romance é confuso, controvertido e pouco prático. Além disso, são tantos os tipos de romances quanto os pontos de vista que se possa escolher; ainda assim, arrisca-se alinhar esse romance como linear e urbano. O escritor ganha a liberdade de sua criação ao mesmo tempo em que deixa fluir a imaginação, a partir de realidades de uma cidade. Quem conheceu Juiz de Fora, dos anos 1970 até os 1990, pôde situar cada cena, percebendo a impressão de verossimilhança de lugares, pessoas, cenário político *et cetera*.

Entre os temas abordados na obra de Embla Rhodes, destacam-se os conflitos familiares e sociais, tais como o adultério, a prostituição, o aborto, o suicídio e o homicídio. Todos têm aspectos físicos, fisiológicos, sociais, psicológicos, éticos e legais os quais são tratados com bastante cautela, uma vez que são temas bastante polêmicos, envolvendo opiniões públicas diversas e fazendo-nos ter um olhar apurado para distinguir as duas faces de uma mesma moeda. Na prostituição, ocorre a violação dos direitos humanos, porque muitos homens corruptos ludibriam a vítima com falsas promessas, confundindo o universo feminino, devido à diferença de cosmovisão, de seus valores, de suas condições socioeconômicas e culturais e, acima de tudo, ferindo profundamente o sentimento.

Sabe-se por meio da mídia que, em muitas partes do mundo, e também no Brasil, as formas de exploração sexual constituem crimes bárbaros e tornam-se uma realidade assustadora, com resultados muitas vezes trágicos. Os sonhos das meninas que, *a priori*, era de se casar com seus príncipes encantados e viverem felizes para sempre, desfazem-se no desejo de mudar o trânsito de suas vidas, passando à condição de gatas borralheiras. Embla Rhodes soube muito bem retratar essa realidade, expondo as várias faces de uma mulher como Marides. Com um início de vida promissor, estudava num colégio tradicional de excelente qualidade e era filha de militar, supostamente um representante da ordem. Ela teve violados seus direitos como ser humano e foi jogada num desmundo familiar e social, em que os próprios pais, consciente ou inconscientemente, estimulavam um clima de permissividade para a prostituição da personagem. Nessa cadeia de desmundo inumano, a criança e o adolescente frustram-se pela depreciação da autoestima e desvalorização do ser como pessoa e veem pouca ou nenhuma perspectiva de sair dessa vida de miserabilidade. É isso o que ocorre com a personagem-chave, Marides, na obra de Rhodes.

Percebe-se que cada personagem traz em si ao menos duas modalidades ou escopos de discurso: o da ficção propriamente dita e o da realidade da cidade em questão. Nesse caso, ficção e realidade se amalgamam num universo de pessoas e situações nas quais o ficcional defronta-se com a margem da realidade, funcionando como estratégia discursiva, oferecendo

o ato de fruição e gerando a verossimilhança. Ao utilizar-se dessa flutuação, entre a história ficcional (pré)concebida e os imprevistos que vão acontecendo na prática, a obra revela uma realidade diferente da que os militares propagavam pela mídia oficial da época, e essa realidade faz o leitor situar-se entre a ordem e o caos dentro desse romance urbano. Cada personagem tem a sua história, partindo do pai Athaíde e da mãe Maria. Por aliteração de nomes, surgiu primeiro, Marides (Maria + Athaíde); do bíblico nome Noêmia + Marides, surgiu o nome de Noemides. O terceiro, Marimides, é uma forma de nome combinado, a partir de Marides + Noemides. Três irmãs em conflito, irmãs nada irmãs, que se duelam por seus egos inflados e compõem assim uma farofa de nomes. Ao final dos nomes, o *esse* é para imprimir um charme a sua pronúncia.

Os nomes são verdadeiros, emprestados de pessoas reais, porém cabe esclarecer que o romance nada tem de verídico em relação a suas histórias pessoais. Por não se tratar de histórias verossímeis com a vida daquelas, as reais, há um questionamento acerca da imaginação do autor que, construindo uma história romanesca, faz com que ela pareça quase real, por meio de seus deboches e paixões transfiguradas, numa família que se une somente pelos laços de sangue e de ódio, cujos membros sofrem com seus problemas, mas permanecem debaixo do mesmo teto como forma de se purgarem na busca da felicidade, vivendo literalmente “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença” (mental). O escritor, envolvido por uma imaginação exacerbada, apresenta uma boa dose de atração pelo que é trágico associado a uma dose de magia e coerência, envolvendo o leitor.

Por meio de uma linguagem acessível, embora com algumas citações em inglês, o que não altera o sentido, a obra alterna momentos de narração em terceira pessoa com diálogos e espaços reais, proporcionando a sensação de veracidade à história. O romance revela um ambiente hostil, no qual as três irmãs personagens não são nada irmãs, a mãe nada mãe, o pai nada pai e, num ambiente nada idealizado, o sublime é ilusório. Juiz de Fora é o seu cenário: uma cidade de porte médio, situada na Zona da Mata Mineira, seguidora das tradições do estado, inclusive de seus conceitos e (pré)conceitos. Numa atmosfera de submundo, a narradora conta a história do relacionamento das três irmãs: Marides, Noemides e Marimides. Nessa ordem de idade e sucessão hierárquica, a protagonista Marides tem por antagonista Marimides, sendo Noemides a tritagonista. Marides sofre desde a infância com agressões físicas e psicológicas, pelo fato de presenciar o relacionamento afetivo e adúltero entre a mãe e o barbeiro, amigo do pai delas. O pai, um militar, também mantinha relacionamentos extraconjugais durante suas viagens com o Exército em expedições pelo interior do país.

Em *A farofa das Ides* é possível considerar duas imagens míticas: Eros e Tanatos. Eros é o deus grego do amor, o princípio da criação, a energia sexual, a força que constrói a história, o deus da vida, do encontro, mas está encerrado em uma trágica contradição com Tanatos, deus da morte, princípio da realidade, instinto de morte. Nesse paradoxo entre vida e morte, a personagem Marides, por meio de sua forma primitiva de encarar a vida, vive as alegrias e o gozo de dormir, dormir com o desejo, a voluptuosidade e, após, amparada pelo deus do sono, Morfeu, primo de Tanatos, encontra nesse seu deus a morte. O prazer da transgressão *versus* o prazer da punição. Dessa forma, Embla Rhodes reporta-se ao princípio do prazer e ao princípio da transgressão:

A exploração sexual tinha como pilares, primeiro o Prazer e depois a Transgressão, e o Prazer era o mesmo que Satisfação Erótica, assim como a Transgressão era o mesmo que a Subversão. Tanto um quanto a outra não justificavam tremendo interesse na realização daquele recôndito desejo (RHODES, 2012, p.72).

Significando Eros o princípio do prazer e da realidade, eis que são forças as quais buscamos para suportar a vida. Assim, a vida boêmia (Eros) é associada à Afrodite, a deusa do amor, o amor por inteiro, mas que, quando apenas sexual, pode chegar a uma tragédia, pois ambos caminham paralelamente ao perigo, à morte (Tanatos). Partindo desse mote, Embla Rhodes retrata em Marides um desejo de ser escritora, o que na idade escolar lhe foi privado pelo pai, ao retirá-la contra sua vontade do colégio que serviria de alicerce aos seus objetivos. Num jogo de palavras e situações bem entrelaçados e coerentes, o autor, por meio da personagem Marides, usa de metáforas, como a da farofa, para colocar na trama toda a história de vida dela, fazendo de *A farofa das Ides* sua história e a realização do seu desejo de escrever um livro.

Com carga dramática, Marides retrata sua vida, sendo que a transgressão à qual se submeteu, ao ponto de se tornar uma prostituta, é alvo de intrigas e invejas, tanto no espaço familiar quanto no bordel onde passou a trabalhar. E, num falar com o corpo, marca a construção de uma luta desigual que provoca dor, angústia e atitudes injustificáveis aplicadas ao ser humano. Como prostituta – sua única maneira de sobreviver –, era mantido o ódio vivo em seu coração. E o que ela mais odiava nos homens que a usaram era o vazio que cada um deixou, exceto Aílton, pai de seu filho Almaríades. Porém, a intriga familiar perpassa com maior ênfase entre ela e a irmã mais nova, Marimides.

Os momentos de encontros familiares são mesclados pelos conflitos na busca da genética de Marimides que, à procura da verdade, com incentivo do seu marido, Evandro, cria um mundo de armadilhas imprevisíveis. A aversão de Marides à Marimides fora incentivada pelo comportamento materno, ao deixar que Marides soubesse desde a infância que Marimides era filha de um barbeiro, Miguel Coutinho, pois a filha mais velha a vira na cama com o amante quando estava em tenra idade. O fato fez crescer o distanciamento entre mãe e filha, ao mesmo tempo em que aumentava a intriga entre as irmãs que se alfinetavam o tempo todo. A mãe espancava Marides, para que esta não revelasse o seu segredo em família, principalmente ao pai, e Marides agredia a meia-irmã, por ser fruto da traição da mãe. O pai Athaíde aceitava a filha do barbeiro, talvez não tão ciente do comportamento da esposa, mas, para esconder e compensar seus próprios relacionamentos afetivos extraconjugais, em cidades distantes, ele lhe cobria de joias, que nunca eram usadas. Noemides, a irmã do meio, protegia e incentivava a caçula Marimides a criticar o comportamento de Marides como mãe solteira, ex-prostituta e mãe de Almaríades, a quem Marimides, casada com Evandro e sem filhos, queria para si e lutava com Marides para obter sua guarda.

Cabe ao escritor mostrar a realidade da cidade de Juiz de Fora, situada mais próxima do Rio de Janeiro do que da capital mineira e que, por isso, sofre mais influências da capital carioca, no que diz respeito a valores morais “mais inferiorizados”, devido às contradições existentes no caminho entre o ficcional e o real. No que é construído por meio do discurso dos militares da época e o que é vivido por seus familiares, deixam-se vir à tona não só as enganações, mas, também as possibilidades da trajetória da adolescente Marides numa família desestruturada, numa sociedade machista, excludente e que pretende dominar e explorar a tudo e a todos, sobretudo as mulheres.

Outra personagem importante na história é Aílton, casado com Ivone, pai de filhos e a quem Marides amou por paixão e gratidão, por tê-la tirado do bordel em que trabalhava. Com Marides, ele se satisfazia sexualmente, deu-lhe um filho, porém nunca o assumiu, nem afetiva nem materialmente – isso suprido pelo avô Athaíde na medida do possível. Largada por Aílton, que retoma a vida de casado com Ivone com o passar do tempo, Marides envolve-se com Ivanir, um velho, amicíssimo do pai dela, também casado. Era quem sustentava a luxúria da amante. No leito de morte de Ivanir, por destino ou coincidência, dentro de um hospital, onde estava internado ao lado de Athaíde, pai de Marides, Ivanir e Marides juram amor recíproco, casando-se com a ajuda de um pastor, sendo o beijo para selar o matrimônio o seu último suspiro de vida, o último desejo de Ivanir, o verdadeiro amor de Marides.

Marides, na busca pela liberdade e por novos horizontes, torna-se escritora, sendo essa a sua forma de romper o paradigma da opressão de todos os caminhos tortuosos. Seu livro passa a ser o fio condutor da história, da sua história, e de tudo o que havia em seu entorno. Considerada uma doente psiquiátrica, conseguiu arquitetar uma história em que cada componente de sua família participava contando a sua parte da história e a junção de todas – *A farofa das Ides*. O *flashback* se dá a partir do momento em que cada um expõe sua versão, como parte de uma farofa, ou muitas farofas formando uma só, complexa na degustação, e o mergulho nas lembranças do passado é a manifestação do tempo psicológico, com suas melancolias, depressões, em que transgressões e tragédias sobrepõem-se e ofuscam os amores.

Embora Marides tenha vivido da luxúria, do consumismo e de falar com o corpo – o que, até então, não conseguira escrever no livro –, sua vida é então cheia de riscos, expondo ao perigo também a sua irmã Marimides. Esta fora alvo, na adolescência, de Ismael Cassimiro, o cafetão de Marides. Queria vê-la prostituta, contudo, mesmo não gostando da “meia-irmã”, Marides a protegia. Marides termina como o símbolo da decadência e degradação física, humana e moral. Ela não é apenas aquela menina residente numa cidade interiorana de Minas Gerais, mas aquela mulher gorda, com transtornos bipolares, ferida pela vida, porém guardando sempre em seu coração seu único e verdadeiro amor que a transformou para sempre, Ivanir. A personagem aparece como uma vítima inevitável do destino, espelhada na figura comportamental dos pais, não conseguiu vislumbrar outras escolhas de vida e fez da prostituição o reflexo de seus sentimentos, traumas, dúvidas e desejos de algum tipo de realização de vida.

O clímax acontece quando Marides consegue pôr em cada membro da família os ingredientes apropriados, diferentes e conflitantes, ao dar-lhes a função de elaborar a própria farofa, uma descrição de suas vidas, expondo suas histórias pela composição do prato. Assim, desabrochava-se o seu livro como realização de um desejo antigo de escrevê-lo. A farofa serviu de pretexto para que fossem mostradas as verdades, as angústias, os amores e os desamores, as frustrações e as consequências de atos familiares considerados desajustados, revelando as verdades humanas que moram nos personagens enquanto são descritas.

Marides, a personagem narradora, tem a ânsia de explicar a sua verdade, embora não estanque, mas que se interpenetra com a vida familiar refletida a partir de uma realidade histórica, artística e cultural. E como essa verdade se construiu pela feitura da farofa de cada um, com critério estratificado, aplicado às formas artísticas, estimulando a produzir atos de

observações e reflexões capazes de encontrar no novo, a dinâmica interna de sua memória de uma infância regada de sofrimentos e todo tipo de transgressões que imperavam em seu lar.

Nesse cenário, a única coisa que parece ser comum é a violência, tanto física quanto psicológica. E para completar o elenco, o irmão Atharíades (combinação dos nomes Atháide + Maria), até então neutro na história, assim como o pai, torna-se militar e vai para Manaus. Para lá vai constantemente Lúcia, empregada doméstica com quem ele se relaciona. Por ironia do destino, Atharíades conhece Edilson, que vem a ser seu meio-irmão por parte de pai. Retornando para casa, e trazendo Edilson como convidado, todos se preparam para o noivado de Lúcia com Atharíades. Marides, desconfiada de haver uma relação entre Lúcia e Edilson, aconselhava-a a postergar o noivado. Passado o anúncio do noivado, Lúcia suicida-se, deixando uma carta reveladora sobre a tortuosa relação entre ela e os dois meios-irmãos, formando um “triângulo-retângulo” entre eles. Além disso, Lúcia se apaixonara pelo namorado de Noemides, Renato, que deixara no ar a dúvida sobre uma possível homossexualidade de Atharíades. Os dois meios-irmãos e, eventualmente, amantes, retornam para Manaus.

A protagonista, Marides, permaneceu até o final da história na melancolia de um amor dividido, cuja concretude só aconteceu no leito de morte de Ivanir. Ela vive de lembranças, dos poucos momentos de felicidade e dos muitos momentos trágicos, trazendo, com isso, uma desvalorização da sua vida que, para ela, não fazia tanto sentido, exceto se perpetuasse o relato de sua história com o livro memorialístico *A farofa das Ides*, como se o tempo tivesse cessado, para que em seu vazio interior encontrassem ecos suas tristes figuras sujas.

Dessa forma, o tempo presente refugia-se num *insight* de memória da protagonista, que adensa o afeto, congela o tempo e esvazia sua personalidade, traçando a chamada ética da *polis*. A tensão e a intriga familiar são características marcantes da história e permanecem até o final. Por exemplo, as duas irmãs conflituosas em questão, Marides e Marimides, mesmo estando de braços entrelaçados na cama, contando suas histórias num momento de aparente catarse que Marides teve com a irmã Marimides, aquela aconselha a esta procurar por um médico, porém sugestionando que a irmã estaria se purgando pelo passado.

Considerações finais

A obra dá mais ênfase às intrigas familiares e sociais que aos amores propriamente ditos. Sendo uma obra original, segue o estilo da época, final do século XX e início do século XXI, uma vez que aborda indivíduos à margem da sociedade, mesclados entre si, com aparência elitizada ou com destaque hierárquico, representado pelo militarismo. Uma história razoavelmente extensa, com princípio, meio e fim, traz uma trama bem articulada, em que não deixa no vazio nenhum de seus personagens e, com um olhar dramático e surpreendente, prende o leitor até o final.

Trata-se de um romance urbano contemporâneo, ambientado em espaço aberto, conduzindo o leitor a um final inesperado. Deixa clara a natureza da crueldade humana como reflexo da marginalidade, da busca do seu “eu” na multidão. A luxúria, a ganância e os desajustes familiares, além da liberdade de expressão, separam a realidade e a ficção, todavia as obras literárias são feitas pela e para a sociedade. Por se tratar de universos de valores urbanos, com visões planetárias, ocorre uma transição das ruínas da família para a rua. Não havendo preocupação ideológica definida, sugere-se ser mais um romance popular, com requintes eruditos, de engenhosa construção literária, no qual a narradora parte de sua experiência de vida, do seu modo de existir como ser humano e em grupo, caminha no presente com vistas no passado, cujas reflexões se alternam, impactam-se e convergem em atos de memória. Marides provoca dor, gera dúvidas e questionamentos, nela o presente é retilíneo, sem medos, sem grandes esperanças, é patético.

O romance abre uma vertente de pensamento voltado para o urbano como espaço de corrosão do próprio eu, um deslocar-se dele, ao se deparar com uma série de interferências, conflitos e fragmentação do processo sensorial. O espaço da cidade tanto pode ter um ponto de vista de ascensão, quanto pode gerar a doença da melancolia, o homem no meio da rua, cismado com o ambiente envolvido, é sujeito em processo de deslocamento. Nesse espaço, Marides se manifesta, expõe-se, constrói-se e destrói-se.

A capacidade de criação é uma das principais características do ser humano. Criam-se mundos reais e mundos fictícios compartilhados, por meio dos quais outras pessoas se espelham. Por eles, sonha-se e imagina-se; afinal, o imaginário nos ensina a viver e a vida imita a arte. Se Marides, por intermédio de sua trajetória, pode simbolizar a preferência pela errância como estratégia de sobrevivência, a obra deixa em aberto possibilidades de encontrar várias verdades admiráveis e degustáveis para a sua degradação numa descrição ficcional

quase imperceptível nas cerca de trezentas páginas do livro. Apesar disso, Embla Rhodes privilegia o romance, estabelecendo fortes situações familiares com repercussões sociais, passando ao leitor a ideia de ser ele possuidor de uma vasta experiência, grande observador, com imensa sensibilidade e imaginação para retratar tragédias contemporâneas, transformando uma realidade em ficção.

Parece estar claro que, nessa obra, há uma pluralidade de enredos: em suas várias histórias, várias farofas são o centro e a periferia retratados como lugares móveis que se cruzam. Nesses *interlugares*, apontam-se as diferenças e define-se o modo de pensar e agir das personagens. O autor faz dessa literatura o espelho de um tipo de sociedade, na qual seus grupos sociais são as luzes que mostram a altura desses indivíduos e as capacidades de entrar nesse mundo. Marides olha no espelho de sua vida e questiona-se enquanto ser humano, sobre seus ganhos e perdas, seu diálogo entre passado e presente que se amalgamam, sendo essa mais uma característica da chamada literatura pós-moderna.

Em simbiose com o seu meio, Marides tem um olhar amargurado e sente-se gata borralheira, a servil e, na tentativa de domar o medo, a cada dia necessita afirmar-se, estar viva e, usando de palavras recortadas, dá voz ao corpo com fórmulas mágicas contra as monstruosidades, tentando salvar-se por meio das palavras que coloca em seu livro. Este se torna o encontro consigo mesma através do repensar o seu passado e a sua história a ser contada.

Acredita-se que, com essa obra, Embla Rhodes comece a ocupar um espaço de vanguarda e a buscar a legitimação de uma época, por representar uma forma de pensar e escrever, um modo de agir e reagir, marcando o seu estilo de forma útil para (re)pensarmos a vida, suas mazelas, com um olhar de que tudo o que acontece na vida é consequência das escolhas que são feitas e que o sofrimento tem o poder transformador. Essa obra nos faz refletir sobre o lugar ocupado na literatura, sua multiplicidade de tons e de suportes na narrativa dedicada à vida da cidade, suas repercussões, suas influências, a banalização da violência na família e na sociedade, bem como as exclusões sociais, entre outros assuntos nela abordados.

A literatura é a linguagem própria do livro, não é do homem, nem de Deus e nem do coração; o poeta moderno é desprovido de cidadania, não como figura jurídica, mas é estado interior que brota de dentro para fora. Dessa forma, procura sua autodefinição, sua identidade social, convive com o apelo para fora, a incompatibilidade entre o eu e o real como opostos, paradoxais. Ler *A farofa das Ides* passou a ser um ritual de leitura obrigatória que liga vozes e

corpos numa intervocalidade, e essa voz reabilita a escrita na integração do corpo com a oralidade, privilegiando o corpo e o espírito.

A obra, de configuração dialética temporal, traz passado e presente mesclados, bem como espaço e tempo, interagindo para definir o teor do discurso, em que a complexidade dos temas abordados é completada pelo texto e pelo contexto. Embla Rhodes, em sua linguagem ficcional, inventa um mundo que, numa sucessão de acontecimentos, de forma coerente, retrata gêneros dramáticos os quais constituem o enredo histórico. Com uma limpidez serena, contrasta um sombrio elemento dramático pela urbanidade clássica associada à privação e à infelicidade.

A unificação dialética é formada em pares como espaço destruído e desgraça *versus* espaço redimido, passado *versus* presente, realidade *versus* sonho (devaneio). Essas tensões misturam-se e permutam-se, implícitos ou explícitos interagem, superam-se e constroem a unidade da expressão; em sentidos paradoxais, são responsáveis pelo impacto final na sensibilidade do leitor. O desenlace acontece mediante uma ação aberta, por deixar para o leitor a possibilidade de imaginação e questionamento sobre o que de tão forte há entre essas três irmãs que, mesmo numa vida de tantos sofrimentos, rivalidades e conflitos, permanecem juntas.

Referências

BRANDÃO, Junito. *Teatro grego: origem e evolução*. São Paulo. Ars Poética. 1992.

CUNHA, Helena Parente. Os gêneros literários. In: PORTELLA, Eduardo et alli. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1979.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011.

DUARTE, Rodrigo. A liquidação do trágico como aspecto do fim da arte. In: JÚNIOR, Alves, GARCIA, Douglas (Orgs.). *Os destinos do trágico: arte, vida e pensamento*. Belo Horizonte, 2008.

MORGAN, Clifford Thomas. *Introdução à Psicologia*. Tradução: Auriphebo B. Simões. São Paulo. McGraw-Hill do Brasil, 1977.

MULINACCI, Roberto. No encaço do trágico: A tragédia, o romance e os paradoxos da modernidade. In: FINAZZI-AGRÒ, Ettore e VECHIO, Roberto (Orgs.). *Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura do Brasil*. São Paulo: Unimarco, 2004.

RESENDE, Beatriz. *Caminhos da ficção brasileira: considerações sobre temas dominantes na prosa contemporânea*. Maringá: Ed. Universidade de Maringá, 2010.

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

RHODES, Embla. *A farofa das Ides*. Juiz de Fora: Do Autor, 2012.

Texto enviado em Outubro de 2013.
Texto aprovado em Novembro de 2013.